ROMANTISMO

Durante alguns anos, permaneceu a literatura cearense nos moldes neoclássicos, nada havendo que mereça maior destaque. Dolor Barreira assinala, nesse período que vai dos tempos dos Oiteiros até ao aparecimento dos *Prelúdios Poéticos* de Juvenal Galeno, em 1856, a fundação do jornal *Sempre-Viva*, dedicado exclusivamente à literatura, no qual escreviam Gustavo Gurgulino de Sousa e Juvenal Galeno (1849), bem como as *Cartas de Bras Pitorra à Sua Sobrinha Inês Sensata* (1851), sátira em versos de Pedro Pereira, publicada no jornal *Pedro II*.

Mais tarde foram começando a aparecer palidamente as primeiras notas de subjetivismo, tão fracas, porém, que não mereceram registro, sendo que muito da produção literária dos meados do século XIX desapareceu irremediavelmente. Podemos assim situar o início do nosso Romantismo em 1856, data da publicação, no Rio de Janeiro, dos *Prelúdios Poéticos*, de Juvenal Galeno, embora, na opinião de Antônio Sales, seus versos ainda mostrassem características neoclássicas. Depois viriam, além das produções regionalistas de Galeno, os poemas byronianos de Joaquim de Sousa e de Barbosa de Freitas, magnificados por um sopro condoreiro, além do legítimo Condoreirismo dos chamados Poetas da Abolição (Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa e Antônio Martins). Aqui têm lugar destacado os romances cearenses de José de Alencar, *Iracema* e *O Sertanejo*, publicados respectivamente em 1865 e em 1875. O primeiro será apresentado neste capítulo. E, embora por muitos anos hajam persistido aqui as notas românticas,

Mas um dia... me ausentaram...
Fui obrigado... parti!
Chorando beijei-te as folhas...
Quanta saudade senti!
Fui-me longe... muitos anos
Ausente pensei em ti...
Cajueiro pequenino,
Quando obrigado parti!

Agora volto, e te encontro
Carregadinho de flor!
Mas ainda tão pequeno,
Com muito mato ao redor...
Coitadinho, não cresceste
Por falta do meu amor,
Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor.

A Jangada

Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?
Tu queres vento da terra,
Ou queres vento do mar?
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

Aqui no meio das ondas,
Das verdes ondas do mar,
És como que pensativa,
Duvidosa a bordejar!
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

Saudade tens lá das praias,
Queres n'areia encalhar?
Ou no meio do oceano

Apraz-te as ondas sulcar?
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

Sobre as vagas, como a garça,
Gosto de ver-te adejar,
Ou qual donzela no prado
Resvalando a meditar:
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

Se a fresca brisa da tarde
A vela vem te oscular,
Estremeces como a noiva
Se vem-lhe o noivo beijar:
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

Quer sossegada na praia,
Quer nos abismos do mar,
Tu és, ó minha jangada,
A virgem do meu sonhar:
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

Se à liberdade suspiro,
Vens liberdade me dar;
Se fome tenho — ligeira
Me trazes para pescar:
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

A tua vela branquinha
Acabo de borrifar;
Já peixe tenho de sobra,
Vamos à terra aproar:

Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

Ai, vamos, que as verdes ondas,
Fagueiras a te embalar,
São falsas nestas alturas
Quais lá na beira do mar:
Minha jangada de vela,
É tempo de repousar!

Mistério do Mar

— Jangadeiro jangadeiro,
Que fazes cantando assim,
Embalado pelas vagas
No seio do mar sem fim?

E o jangadeiro nas ondas
Cantava triste canção;
Solto o remo, presa a vela
De sua jangada então.

— "Ai de quem amou na vida...
"Ai de quem sentiu o amor...
"Ai de quem sonhou constante
"Um peito falso... traidor!..."

E o jangadeiro cantava
No frio leito do mar,
Ao murmurio da brisa,
Das vagas ao soluçar!

— "Amei-a com doce extremo,
"Com firmeza... e devoção...
"Té que um dia o seu desprezo
"Esmagou-me o coração..."

E o jangadeiro cantava...
Era noite de luar:
Ao longe... na choça, a festa...
Gemidos, prantos no mar.

Ao longe, ao som da viola,
Mais se animava a função,
Que Maria, a flor da praia,
Era noiva... dera a mão!

E o jangadeiro chorando
Cantava triste a gemer...
Deserta a praia... e na choça
O riso, a festa, o prazer.

No outro dia... à luz da aurora,
Na areia viu-se encalhar
O corpo do jangadeiro,
Que a onda trouxe do mar!

E a jangadinha sem vela,
Sem remo... veio também ..
Ah! como morrera o triste
Ninguém o soube... ninguém.

Desde esse dia... nas ondas,
Quando a noite é de luar,
Vê-se ao longe a jangadinha
Por sobre a face do mar.

E o jangadeiro cantando
A sua triste canção...
Embalado pelas ondas...
Ao gemer da viração...

— "Ai de quem amou na vida...
"Ai de quem sentiu o amor...

"Ai de quem sonhou constante
"Um peito falso... traidor..."

E a pobre gente da praia
Chora ouvindo este cantar,
Mais triste suspira a brisa,
Soluça a vaga do mar!

(Juvenal Galeno. **Lendas e Canções Populares.** Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará — Ed. do Centenário da obra, com Introdução de F. Alves de Andrade — 1965, 1.º vol., pp. 48-51; 209-10; 77-9; 107-8; 121-3.)

No prólogo da primeira edição de seu livro principal, Juvenal Galeno declara haver tido por objetivo representar o povo brasileiro, servindo-se, em tudo, " da toada de suas cantigas, de sua linguagem, imagens e algumas vezes de seus próprios versos." Este depoimento vem explicar de maneira cabal a presença, em alguns de seus poemas, de trechos pertencentes à tradição, à musa anônima de nossos trovadores sertanejos ou praieiros; é o caso, por exemplo, da famosa trova, transcrita aliás no prólogo:

Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?
De dia vento da terra,
De noite vento do mar?...

Assinalamos as locuções que não aparecem no poema de Galeno: na sua sextilha (ou seja, uma quadra unida à repetição dos dois primeiros versos), pergunta o poeta: *Tu queres vento da terra, / Ou queres vento do mar?* É igualmente o caso desta quadra mais conhecida ainda:

Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor,
Eu também sou pequenino,
Cerregadinho de amor.

Também aqui assinalamos os versos que não surgem na produção de Juvenal Galeno. É que o poeta cearense recriava as trovas anônimas, ou melhor, criava, a partir delas, à maneira de paráfrase, poemas de cunho popular. Claro está que ele não poderia, com a formação cultural que já obtivera, escrever versos genuinamente do povo, como se fosse um cantador de viola, mas só o fato de chegar ao aproveitamento de trovas anônimas para compor suas redondilhas demonstra seu sincero intuito de produzir poesia popular no seu mais genuíno sentido. Ciente da importância de sua missão, não esperava entretanto aplausos da crítica erudita: "Sei que mal recebido serei nos salões aristocratas, e entre alguns críticos que, — estudando nos livros do estrangeiro o nosso povo, — desconhecem-no a ponto de escreverem que o Brasil não tem poesia popular!" O título de seu livro, porém, pode ser mal interpretado por algum leitor desavisado que entenda enfeixar, todo ele, canções e lendas extraídas da tradição popular cearense; tal não ocorre evidentemente, uma vez que, além dos citados "A Jangada" e "Cajueiro", apenas em cerca de seis poemas (entre eles "O Boiadão", "A Mulatinha", "O Voluntário do Norte", etc.) segundo notas do próprio poeta, temos notícia haja o autor aproveitado coplas do povo, sendo as demais cento e vinte e tantas composições fruto de uma arte profundamente embebida na alma da gente de nossa terra, que o autor conheceu muito de perto e que desde criança admirou e amou, mas escritas com as palavras com que ele quis dar-lhes vida, o que fez certamente. Transcrevendo estes cinco poemas, todos constantes das *Lendas e Canções Populares* (1865), pretendemos dar uma idéia da faceta principal da poesia de Juvenal Galeno: "O Vaqueiro" mostra-nos o homem valente, orgulhoso de seu ofício, feliz com a vida de campeador de gado; através dessa produção, tem-se perfeita noção do que seja o legítimo vaqueiro cearense e do ambiente em que vive. Em "O Rapaz da Guia", temos como que o oposto do precedente, quanto à bravura e o amor à profissão: para o rapaz do segundo poema, guiar reses é uma "sorte má," eis que vive em eterno sobressalto; destaque-se o canto do boia-

deiro, no final de cada estrofe, bem assim a linguagem popular, quer na colocação do clítico *(M'escolheram)*, quer em concordância como a da 3ª estrofe. Quanto ao "Cajueiro Pequenino," é uma das mais belas páginas do nosso lirismo e um dos mais famosos poemas de Galeno; aí o poeta fala por si mesmo, não interpreta sentimentos alheios, como na maioria de sua obra. Mas ele não cantou apenas a vida interiorana: "A Jangada," outro poema bastante conhecido, traz-nos a vida do jangadeiro que, falando carinhosamente à sua embarcação, empresta-lhe qualidades humanas: aqui, a prosopopéia não é simples adorno, mas reflete a importância da jangada para o pescador, ou seja, sua própria razão de ser; é notável o uso do refrão ao fim de cada estância, com o que parece imitar o vaivem monótono das ondas; o verso final, porém, é imprevisto: em vez da repetida indagação *(Que vento queres levar?)*, conclui o poeta: *É tempo de repousar!* Embora romântico, nem sempre Juvenal Galeno ostenta aquele sentimentalismo da maioria dos poetas da corrente: "O Vaqueiro," por exemplo, apesar de vazado em hendecassílabos iâmbico-anapésticos (com o que expressivamente nos evoca o galopar do cavalo), verso típico do Romantismo e quase totalmente abandonado pelas escolas posteriores, nada tem de derramamentos líricos. O mesmo não podemos dizer de "Mistério no Mar," pois neste, além do amor exacerbado, temos a presença da morte, com o que se cria uma atmosfera de lenda; o poema é tipicamente romântico, pelo tema e pela dicção, mas, note-se, não é o poeta a figura central, o amante desprezado, mas alguém de quem o poeta fala. Quase toda a poesia de Juvenal Galeno elide, assim, o *eu* romântico (dentre as composições reproduzidas, é exceção o "Cajueiro Pequenino"): ele observa, de maneira algo realista, a vida do vaqueiro, do tangedor de gado, do jangadeiro, etc., para depois cantá-la em verso, geralmente, porém, assumindo o lugar da figura focalizada, interpretando seus sentimentos. Nas produções apresentadas, predomina o heptassílabo (ou septissílabo, ou redondilha maior), genuinamente popular, e por isso mesmo tão explorado pelos românticos e, com mais razão, por Juvenal Galeno.

JOSÉ DE ALENCAR

JOSÉ Martiniano DE ALENCAR — Nasceu em Messejana (Sítio Alagadiço Novo), em 1º de maio de 1829, e faleceu no Rio de Janeiro, no dia 12 de dezembro de 1877. Deixando o Ceará ainda menino, aos nove anos, a viagem que fez por terra, até a Bahia, de onde seguiu para a Corte, deixou-lhe vivas marcas, datando de então as primeiras impressões que em seu espírito causou o espetáculo de nossa natureza. Estudou em colégios do Rio, mais tarde matriculando-se na Academia de Direito de S. Paulo, onde concluiu o curso em 1850, fixando-se no Rio de Janeiro e se dedicando ao jornalismo. Romântico entusiasta, aparece ruidosamente no mundo das letras polemicando com Magalhães, cujo poema *A Confederação dos Tamoios* era um retorno ao Classicismo. Jornalista, jurisconsulto, político, orador, Conselheiro e Ministro da Justiça, tudo isso foi Alencar. Seu nome, porém, há de ficar pela obra de ficção que nos legou, sendo considerado por muitos como o fundador do romance genuinamente nacional. Cultivou o romance urbano, o indianista e o histórico, além do teatro e da poesia. Timbrou em dar a suas obras uma linguagem nossa, o que lhe valeu acerbos ataques da crítica de seu tempo. Entre outras obras, publicou: *O Guarani* (1857) *Cinco Minutos* (1857), *A Viuvinha* (1860), *As Minas de Prata* (1862), *Lucíola* (1862), *Diva* (1864), *Iracema* (1865), *O Gaúcho* (1870), *A Pata da Gazela* (1870), *o Tronco do Ipê* (1871), *Guerra dos Mascates* (1871), *Til* (1872), *Sonhos d'Ouro* (1872), *Alfarrábios* (1873), *Ubirajara* (1874) e *O Sertanejo* (1875). Como dissemos linhas atrás, José de Alencar será apresentado pela publicação de *Iracema*.

Iracema

Trata-se de uma lenda, criada pelo próprio Alencar, e representando a origem do povo cearense: nela aparecem figuras da vida real, como o português Martim Soares Moreno e o índio Poti (Antonio Felipe Camarão). Encontram-se um

dia, em plena mata, a índia Iracema e Martim, o guerreiro branco; a virgem leva-o à cabana do pai, o chefe Araquém. Apaixonam-se e ela passa a acompanhá-lo, o que açula as iras do guerreiro índio Irapuã (o célebre Mel-Redondo). As saudades da pátria, porém, maltratam o português. Teria lá deixado uma amada? Iracema definha, e morre, deixando o filho de ambos, Moacir, "filho da dor". Parte Martim levando o filho de seu amor. Era o primeiro cearense a emigrar.

I

Verdes Mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela?

Onde vai como branca alcíone buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano?

Três entes respiram sobre o frágil lenho que vai singrando veloce, mar em fora.

Um jovem guerreiro cuja tez branca não cora o sangue americano; uma criança e um rafeiro que viram a luz no berço das florestas e brincam irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.

A lufada intermitente traz da praia um eco vibrante, que ressoa entre o marulho das vagas:

— Iracema!

O moço guerreiro, encostado ao mastro, leva os olhos presos na sombra fugitiva da terra; a espaços o olhar empanado por tênue lágrima cai sobre o jirau, onde folgam as duas inocentes criaturas, companheiras de seu infortúnio.

Nesse momento o lábio arranca d'alma um agro sorriso.

Que deixara ele na terra do exílio?

Uma história que me contaram nas lindas várzeas onde nasci, à calada da noite, quando a lua passeava no céu argenteando os campos, e a brisa rugitava nos palmares.

Refresca o vento.

O rulo das vagas precipita. O barco salta sobre as ondas e desaparece no horizonte. Abre-se a imensidade dos mares, e a borrasca enverga, como o condor, as foscas asas sobre o abismo.

Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas, e te poje nalguma enseada amiga! Soprem para ti as brandas auras, e para ti jaspeie a bonança mares de leite!

Enquanto vogas assim à discrição do vento, airoso barco, volva às brancas areias a saudade que te acompanha, mas não se parte da terra onde revoa.

II

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha rescendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem, os pássaros ameigavam o canto.

damos como final da corrente os últimos anos da década de 80, que coincidem com o surgimento do Clube Literário, com sua revista *A Quinzena*. A Academia Francesa do Ceará enquadra-se cronologicamente bem no meio do período de fastígio da corrente, como uma reação que, não obstante sua grande importância, não chegou a instaurar uma literatura anti-romântica.

JUVENAL GALENO

JUVENAL GALENO da Costa e Silva — Nasceu em Fortaleza, no dia 27 de setembro de 1856, vindo a falecer na mesma cidade, em 7 de março de 1931. Passou os primeiros anos de sua infância no interior do Ceará, retornando à Capital em 1854, a fim de fazer as humanidades no Liceu. Esteve no Rio de Janeiro, onde freqüentou a célebre Tipografia de Paula Brito, lugar de reunião da fina flor do mundo intelectual por volta dos meados do século XIX: Joaquim Manuel de Macedo, Machado de Assis, Quintino Bocaiúva e outros. Publicou então seu primeiro livro de versos. De regresso ao Estado natal, colabora ativamente na imprensa fortense; Gonçalves Dias, em visita ao Nordeste com a Comissão Científica, passa por Fortaleza, em 1859 e, lendo alguns poemas de Juvenal Galeno, aconselha-o a cultivar sempre a poesia popular, segundo se conta. Em 1906, acometido de glaucoma, o poeta perde completamente a vista, aposentando-se como Diretor da Biblioteca Pública, depois de haver sido editada toda a sua obra poética. Publicou: *Prelúdios Poéticos* (1856), *A Machadada* (1860), "poema fanstástico", em que satiriza o comandante João Antônio Machado, que o mandara prender, quando Juvenal era alferes da Guarda Nacional; *Quem com Ferro Fere com Ferro Será Ferido* (1861), comédia, *Porangaba* (1861), *Lendas e Canções Populares* (1865), seu livro principal, que teve 2ª edição em 1892, acrescida das "Novas Lendas e Canções Populares", e 3ª edição no centenário, em 1965; *Canções da Escola* (1871), *Cenas Populares* (1871), porventura o primeiro livro de contos cearense (2ª ed., 1891, e 3ª, 1969), e

Iracema saiu do banho; o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco; e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. As vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras, remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos, o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e uiraçaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. A mão, que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

— Quebras comigo a flecha da paz?

— Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de

meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

— Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus

— Bem-vindo o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

XXXII

Descamba o sol.

Japi sai do mato e corre para a porta da cabana.

Iracema, sentada com o filho no colo, banha-se nos raios do sol e sente o frio arrepiar-he o corpo. Vendo o animal, fiel mensageiro do esposo, a esperança reanima seu coração; quer esguer-se para ir ao encontro de seu guerreiro e senhor, mas os membros débeis se recusam à sua vontade.

Caiu desfalecida contra o esteio. Japi lambia-lhe a mão fria e pulava travesso para fazer sorrir a criança, soltando uns doces latidos de prazer. Por vezes, afastava-se para correr até a orla da mata e latir chamando o senhor; logo, tornava à cabana para festejar a mãe e o filho.

Por esse tempo pisava Martim os campos amarelos do Tauape; seu irmão Poti, o inseparável, caminhava a seu lado.

Oito luas havia que ele deixara as praias de Jacarecanga. Vencidos os guaraciabas na baía dos papagaios, o guerreiro cristão quis partir para as margens do Mearim, onde habitava o bárbaro aliado dos tupinambás.

Poti e seus guerreiros o acompanharam. Depois que transpuseram o braço corrente do mar que vem da serra de Tauatinga e banha as várzeas onde se pesca o piau, vieram enfim as praias do Mearim e a velha taba do bárbaro tapuia.

A raça de cabelos do sol cada vez ganhava mais a amizade dos tupinambás; crescia o número de guerreiros brancos, que já tinham levantado na ilha a grande itaoca para despedir o raio.

Quando Martim viu o que desejava, tornou aos campos da Porangaba, que ele agora trilha. Já ouve o ronco do mar nas praias do Mucuripe; já lhe bafeja o rosto o sopro vivo das vagas do oceano.

Quanto mais seu passo o aproxima da cabana, mais lento se torna e pesado. Tem medo de chegar; e sente que sua alma vai sofrer, quando os olhos tristes e magoados da esposa entrarem nela.

Há muito que a palavra desertou seu lábio seco; o amigo respeita este silêncio, que ele bem entende. É o silêncio do rio quando passa nos lugares profundos e sombrios.

Tanto que os dois guerreiros tocaram as margens do rio, ouviram o latir do cão a chamá-los e o grito da ará, que se lamentava. Estavam mui próximos à cabana, apenas oculta por uma língua de mato. O cristão parou calcando a mão no peito para sofrear o coração, que saltava como o poraquê.

— O latido de Japi é de alegria, disse o chefe.

— Porque chegou; mas a voz da jandaia é de tristeza. Achará o guerreiro ausente a paz no seio da esposa solitária, ou terá a saudade matado em suas entranhas o fruto do amor?

O cristão moveu o passo vacilante. De repente, entre os ramos das árvores, seus olhos viram sentada, à porta da cabana, Iracema com o filho no regaço, e o cão a brincar. Seu coração o arrojou de um ímpeto e a alma lhe estalou nos lábios:

— Iracema!...

A triste esposa e mãe soabriu os olhos, ouvindo a voz amada. Com esforço grande pode erguer o filho nos braços e apresentá-lo ao pai, que o olhava extático em seu amor.

— Recebe o filho de teu sangue. Era tempo; meus seios ingratos já não tinham alimento para dar-lhe!

Pousando a criança nos braços paternos, a desventurada mãe desfaleceu como a jetica, se lhe arrancam o bulbo.

O esposo viu então como a dor tinha consumido seu belo corpo; mas a formosura ainda morava nela, como o perfume na flor caída do manacá.

Iracema não se ergue mais da rede onde a pousaram os aflitos braços de Martim. O terno esposo, em quem o amor renascera com o júbilo paterno, a cercou de carícias que encheram sua alma de alegria, mas não a puderam tornar à vida; o estame de sua flor se rompera.

— Enterra o corpo de tua esposa ao pé do coqueiro que tu amavas. Quando o vento do mar soprar nas folhas, Iracema pensará que é tua voz que fala entre seus cabelos.

O doce lábio emudeceu para sempre; o último lampejo despediu-se dos olhos baços.

Poti amparou o irmão na grande dor. Martim sentiu quanto um amigo verdadeiro é precioso na desventura: é como o outeiro que abriga do vendaval o tronco forte e robusto do ubiratã, quando o cupim lhe broca o âmago.

O camucim que recebeu o corpo de Iracema, embebido de resinas odoríferas, foi enterrado ao pé do coqueiro, à borda do rio. Martim quebrou um ramo de murta, a folha da tristeza, e deitou-o no jazigo de sua esposa. A jandaia pousada no olho da palmeira repetia tristemente: — Iracema!

Desde então os guerreiros pitiguaras que passavam perto da cabana abandonada e ouviam ressoar a voz plangente da ave amiga, afastavam-se com a alma cheia de tristeza, do coqueiro onde cantava a jandaia. E foi assim que um dia veio a chamar-se Ceará o rio onde crescia o coqueiro, e os campos onde serpeja o rio.

XXXIII

O cajueiro floresceu quatro vezes depois que Martim partiu das praias do Ceará, levando no frágil barco o filho e o cão fiel. A jandaia não quis deixar a terra onde repousava sua amiga e senhora.

O primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra da pátria. Havia aí a predestinação de uma raça?

Poti levantava a taba de seus guerreiros na margem do rio e esperava o irmão que lhe prometera voltar; todas as manhãs subia ao morro das areias e volvia os olhos ao mar, para ver se branqueava ao longe a vela amiga.

Afinal volta Martim de novo às terras que foram de sua felicidade e são agora de amarga saudade. Quando seu pé sentiu o calor das brancas areias, em seu coração derramou-se um fogo que o requeimou: era o fogo das recordações, que ardiam como a centelha sob as cinzas.

Só aplacou essa chama quando ele tocou a terra onde dormia sua esposa; porque nesse instante seu coração transudou, como o tronco do jetaí nos ardentes calores e orvalhou sua tristeza de lágrimas abundantes.

Muitos guerreiros de sua raça acompanharam o chefe branco, para fundar com ele a mairi dos cristãos. Veio também um sacerdote de sua religião, de negras vestes, para plantar a cruz na terra selvagem.

Poti foi o primeiro que ajoelhou aos pés do sagrado lenho; não sofria ele que nada mais o separasse de seu irmão branco. Deviam ter ambos um só Deus, como tinham um só coração.

Ele recebeu com o batismo o nome do santo cujo era o dia e o do rei a quem iria servir, e sobre os dois o seu, na língua dos novos irmãos. Sua fama cresceu e ainda hoje é o orgulho da terra, onde ele primeiro viu a luz.

A mairi que Martim esguera à margem do rio, nas praias do Ceará, medrou. Germinou a palavra do Deus verdadeiro na terra selvagem e o bronze sagrado ressoou nos vales onde rugia o maracá.

Jacaúna veio habitar nos campos da Porangaba para estar perto de seu amigo branco; Camarão erguera a taba de seus guerreiros nas margens da Messejana.

Tempo depois, quando

car teve o cuidado de explicar, logo no capítulo inicial do livro: "Uma história que me contaram nas lindas várzeas onde nasci, à calada da noite, quando a lua passeava no céu argenteando os campos, e a brisa rugitava nos palmares." Trata-se, portanto, de uma lenda, criada, como dissemos, para narrar as origens do povo cearense, sendo Moacir o símbolo do filho de nossa gleba, predestinado às migrações. Havia o escritor iniciado um poema, em que seriam cantadas as tradições de nossos indígenas; desistiu porém do verso e tentou a prosa. Na "Carta" apensa à primeira edição de *Iracema,* conta Alencar, a Domingos José Nogueira Jaguaribe, a origem do livro, dizendo, a certa altura: "O assunto para a experiência, de antemão estava achado. Quando em 1848 revi nossa terra natal, tive a idéia de aproveitar suas lendas e tradições em alguma obra literária. Já em São Paulo tinha começado uma biografia do Camarão. Sua mocidade, a heróica amizade que o ligava a Soares Moreno, a bravura e lealdade de Jacaúna, aliado dos portugueses, e suas guerras contra o célebre Mel-Redondo: aí estava o tema. Faltava-lhe o perfume que derrama sobre as paixões do homem a alma da mulher." O nome Iracema que, segundo a observação de Afrânio Peixoto, é um anagrama de América, foi criado por Alencar e é por ele explicado, com base no tupi, como "lábios de mel" (*ira* = *mel* + *tembe* = lábios). Aceita por João Ribeiro e poucos mais, a explicação de Afrânio Peixoto tem sido refutada por vários autores, principalmente com apoio no fato de ser a lenda inspirada pela origem do povo cearense, e não americano; Oscar Mendes lembra que, nos cadernos do romancista, o primeiro nome da heroína era Aracema, o que desfaz o anagrama. Braga Montenegro, na Introdução de uma das edições de *Iracema,* é de opinião que o escritor não se apercebeu do fato lingüístico, ao criar o nome com fundamento no tupi. Entretanto, sem tomar partido, não podemos deixar de registrar a coincidência. Transcrevemos os dois capítulos iniciais e os dois últimos de *Iracema;* no primeiro, destaque-se — como aliás já tem sido inúmeras vezes feito — a musicalidade dos períodos, o ritmo cantante das frases que, em vários passos,

vão coincidir com alguns versos de metro tradicional, pelo número de sílabas e pelos ictos: logo no parágrafo inicial, por exemplo, vamos encontrar, entremeados, dois hexassílabos e dois heptassílabos (ou redondilha maior); 6/7/6/7. No segundo parágrafo, temos anda menos de cinco heptassílabos: Verdes mares que brilhais / como líquida esmeralda / aos raios do sol nascente, / perlongando as alvas praias / ensombradas de coqueiros. E seguem-se as frases, não mais em versos medidos, mas numa atmosfera de poesia que envolve perfeitamente significante e significado. Isso levou Augusto Linhares, um tanto arbitrariamente, a estampar, dividido em versos, esse capítulo inicial de *Iracema*, na sua *Coletânea de Poetas Cearenses* (1952) publicada no Rio de Janeiro. Ressalte-se ainda, no mesmo capítulo, a apóstrofe: começa o escritor dirigindo-se aos mares; passa depois a falar dos tripulantes da embarcação e, por fim, volta-se para o próprio barco, augurando-lhe brandas auras. Inicia-se o romance, na verdade, quando tudo já passou (como Basílio da Gama fez no seu *O Uraguai*): a força da saudade, porém, faz com que, a partir do capítulo II, se inicie a narrativa. Nos capítulos finais predominam as alusões aos topônimos e às personagens que realmente viveram: fala o escritor de várias regiões conhecidas ainda hoje, como Tauape, Porangaba, Mucuripe, Messejana, etc., bem assim de figuras como Poti, depois batizado Antônio Felipe Camarão, herói na expulsão dos holandeses do Nordeste do Brasil, seu irmão Jacaúna, aliado dos lusos contra os tabajaras chefiados por Irapuã, o famoso Mel-Redondo: Iracema, figura lendária, era tabajara no enredo, mas o guerreiro branco, que surge no capítulo II e não é outro senão Martim Soares Moreno, aliou-se aos pitiguares contra os da tribo da virgem. O romance faz alusão ainda a Jerônimo de Albuquerque, embora de passagem. No final do capítulo XXXII, refere-se Alencar a uma das muitas versões que pretendem explicar a origem do vocábulo *Ceará*: "canto da jandaia". É escusado repisar que esse livro é um dos mais populares de toda a literatura nacional, sendo já incontáveis suas edições, sem falar nas suas traduções para vários idiomas,

como o inglês, o francês e o espanhol. Muitas de suas frases, de tão repetidas, tornaram-se verdadeiros *clichês*, e os "verdes mares bravios" ficaram definitivamente retratando as nossas praias: Manuel Bandeira, aludindo a essa vulgarização do sintagma, escreveu um soneto que, publicado originariamente num jornal cearense em 1908, termina dizendo: *Olhando a vastidão magnífica do mar, / Que ressalta e reluz: — "Verdes mares bravios..." / Cita um sujeito que não leu, nunca o Alencar!* Também nem seria preciso aludir ao número imenso de pessoas com o nome de Iracema, por todo o Brasil, o que igualmente já foi observado. Ao contrário da maioria dos romances românticos, incluindo alguns do próprio Alencar, *Iracema* é um livro que conservou sua juventude, podendo ser hoje lido sem enfado, mais de um século depois de ter aparecido pela vez primeira. Por sinal, em 1965, ao completar precisamente 100 anos da primeira edição, a Universidade Federal do Ceará publicou uma edição de *Iracema* com excelente estudo crítico de Braga Montenegro. Quanto à classificação da obra, que tem muito de poético e de romanesco, é oportuna a transcrição de palavras de Machado de Assis, referindo-se premonitoriamente ao livro de José de Alencar: "Poema lhe chamamos a este, sem curar de saber se é antes uma lenda, se um romance: o futuro chamar-lhe-á obra-prima."

JOAQUIM DE SOUSA

JOAQUIM Francisco DE SOUSA — Nasceu em Fortaleza, provavelmente no ano de 1855, vindo a falecer no Rio de Janeiro, em 6 de setembro de 1876 (suicidou-se, lançando-se de uma barca na Baía de Guanabara). O jornal *O Cearense* de 4 de outubro de 1873, noticiando-lhe a morte, informava que "a idéia sinistra do suicídio já ele acalentava no espírito desde que partiu para a corte". Trabalhou como tipógrafo em jornais de Fortaleza, como esse mesmo *O Cearense*, e seus versos aparecem desde o ano de 1872. Encontramos alguns de seus poemas nos *Ensaios Literários*, de 1874, e n' *A Brisa*, de

1875. Mais copiosamente, porém, colaborou na *Mocidade*, de 1876, que ele mesmo fundou com Antônio Martins e Rodolpiano Padilha. Não deixou livro.

À LUZ DE UMA ESTEARINA

Não me chores, por Deus! O meu destino
Rojou-me à pira ardente dos prazeres...
— Preciso do satânico-divino
Desses devassos beijos das mulheres;
Eu sei que vou morrer!... Lufada fria
Desnudou meu vergel de mocidade;
Queima-me o sangue a febre n'ardentia
Em ondas de fugaz lubricidade!...

Qual vulto temeroso, que perpassa
Entre as névoas de escura cerração,
Sozinho, aos ombros nus conchego a capa,
E mergulho na longa escuridão!

Vem, sombra peregrina e lagrimosa
Palpitante de pejo e de receio,
— Qual nuvem perfumada e vaporosa,
De manso adormecer sobre o meu seio!...
Oh vem! ninguém te escuta, a lua dorme,
No seu leito de arcanjo e prostituta...
Em longos beijos, Marion Delorme...
— Pousemos do prazer a taça enxuta!

Olha, a brisa repousa no arvoredo,
O céu é todo crepe... Nem um círio!
Esse resto de vida que nos resta,
Oh! gastemos na taça do delírio!

Eu quero enodoar-te essa grinalda...
Acho um gozo satânico em perder-te!
— Não sei se é ódio a febre que me escalda,
Esse fogo, que faz-me enlouquecer-te!

Tu és ainda um raio de minh'alma
Que voga sobre o mar do céticismo;
Um traço do luar de noite calma
Resvalando dos céus, no meu abismo!

Espreita à luz mortiça da lanterna
O moço Don Juan, — o libertino;
Dorme a sonhar na banca da taverna...
— Deixai, — o condenado do destino!

É tarde, Marion, p'ra os devaneios...
É hora de gozar, que foge a vida...
Deixa beber aromas nos teus seios,
E busquemos nos céus a luz perdida!
— Caminheiro sem fé, que vaga insano,
Cavalgando o corcel do seu tormento,
Eu fui o meu senhor e meu tirano,
Morri... e não vivi um só momento!...

Não me chores, mulher, se a morte acaso
Repousar-me no rosto o beijo amigo;
Na penumbra infeliz do meu ocaso,
Ainda eu viverei talvez contigo!..

Lá sob o céu vermelho das procelas
Correm nuvens veloces, incendidas;
São nossas crenças, Marion; são elas,
P'ra o fundo dos abismos impelidas!
— Eu sinto me quebrarem fibra a fibra
A caçoula febril do coração,
E minh'alma, que morre, já não vibra,
Senão cantos de fel e maldição!

Oh morramos!... Sejamos assassinos!
O peito, que gemeu de dor estala;
Em nossa tumba o corvo dos destinos
Ri-se, gargalha, tripudia e fala!...

Folhetins de Silvanus (1891), poesia satírica. Recentemente foram lançados pela Casa de Juvenal Galeno, em primeira edição, as *Cantigas Populares* e a *Medicina Caseira* (1969).

O Vaqueiro

Ai, vida qu'eu levo por montes e vales,
Catingas e grotas se vou campear;
E após descansando, cercado dos filhos,
E junto à consorte nos gozos do lar!
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me cantar.

De véstia e perneiras, chapéu, guarda-peito,
De peles curtidas... que lindo trajar!
Com minha guiada, — montando o ginete,
Que riacho fogoso, que sabe pular...
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me cantar.

Eu vou-me às campinas, por entre os mocambos.
Saltando os barrancos, não torço o correr!
Assim campeando meu gado visito,
Sorrindo aos perigos sem nunca os temer!
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me dizer.

Assim campeando... se encontro, se vejo,
A rês mais arisca de todo o sertão,
Eu boto o cavalo... fechada a carreira,
Veloz o ginete mal pisa no chão!...
Da vida qu'eu levo,
Ouvi-me a canção.

Eu boto o cavalo... que sente as esporas,
E assopra e se escancha nos rastos da rês...
Ardente... brioso... sedento de glórias...

SÓ!...

Brisas da tarde que fugis voando
Lá para o céu azul de meu país;
— Levai nas asas brancas, perfumadas,
Meu canto de proscrito... e de infeliz!...
Ide, — tristes formosas companheiras
De minhas horas de febre e de cismar;
Levai, das ilusões, as derradeiras,
E deponde-as na porta do meu lar.

Não foi meu coração que desvairou-se
— No deserto perdido peregrino; —
Foi a sina fatal que consumou-se...
— Eu nasci já maldito do destino!
Vozes sinistras percorreram lentas
A tela sepulcral do meu cenário...
Do futuro nas ondas lutulentas
Galgo o cimo feral do meu Calvário!...

Minh'alma quis pousar lá nas esferas,
E na sombra fatal adormeceu...
— Viajora da luz e das quimeras,
Nos bulcões da desgraça se perdeu.
Pobrezinha!... Um anelo amargurado,
Toda a seiva vital lhe consumiu...
O seu leito de amor foi pó gelado...
— O fantasma da morte ali dormiu!...

Oh doces ilusões! sombras fagueiras,
Oh formosas visões da musa minha,
Dai-me um raio fugaz daquelas eras,
Dai-me um sonho sequer desses que eu tinha!
— Mas, ai! meu coração já consumiu-se...
E d'envolta nas cinzas do passado
Resvala tanto riso, que esvaiu-se,
Bóia muito sonhar idolatrado!...

Filho das sombras, no bulcão tateio,
E me sumo no pego carrancudo.
Que me importa o porvir? meu nome leio
No pórtico fatal, sombrio e mudo!...
Da larva fria da morada escura
Tenho a veste manchada, e as mãos já tintas;
E o arcanjo feral da desventura
Vem-me ao seio acordar vozes extintas!...

Vinde espectros do mal, passai sorrindo,
Vinde loiras vestais, passai cantando!
— Eu resvalo na noite — o céu é lindo,
— Eu mergulho na sombra — o mar é brando!
E quando o tempo, com seu cetro eterno,
O passado rojar, que tudo some,
Lá entre as brumas do tristonho inverno
Nem sequer passará meu pobre nome!...

À MINHA IRMÃ

Oh! mar! oh! solidão, eu te saúdo;
No deserto soberbo em que tu rolas
Passa a asa sutil da branca garça
Como tênue vapor que se esvaece;
Mas o verme brutal não vai rasteiro
Sobre o leito do azul dormir impuro!
Alta noite, na tolda do navio,
Com os olhos fitos nos celestes lumes,
Ora plenos de luz ou desmaiados,
Luzes de festa ou círios de sepulcro,
Eu lemfrei-me de ti oh! minha terra,
E foi teu meu suspiro amargurado!
Feliz quem sob o lar de sua infância
Dormiu sempre em risonha placidez,
Quem nunca viu no céu estrelas negras,
Os demônios da dor lançando crepe
Sobre os santos recessos de sua alma!

Por altos e baixos correndo por três!
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me esta vez.

Então nas catingas, rompendo espinheiros,
Saltando os valados... Qual passa o tufão,
Que louca vertigem... que fogo no peito...
Té o céu desafio no meu campeão!
Da vida qu'eu levo,
Ouvi-me a canção.

Que louca vertigem! Por entre mil troncos,
Fugindo aos embates... irado a gritar...
O galho do mato de um pulo salvando...
Caindo na sela... sem nunca parar!
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me cantar.

Por fim na carreira, se a rês derrubando,
É minha a vitória... que doce prazer!
Peada ou laçada... vencida a contemplo;
Quem tudo duvida... que venha isto ver!
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me dizer.

Assim nestes campos campeio orgulhoso,
Por entre os perigos, — que fero lidar!
Depois — quase sempre ferido e rasgado,
A casa procuro... lá vou descansar.
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me cantar.

A casa voltando... que doce carinho
Da meiga consorte do meu coração!
A história do campo lhe conto soberbo,
E ela me escuta... qu'extrema afeição!
Da vida qu'eu levo,
Ouvi-me a canção.

E ela me escuta... dizendo: — "que louco!
Feriu-se, rasgou-se... Me queres matar!"
Talvez lá consigo dizendo: — "que bravo!
Não há quem te vença... mas sei eu te amar!"
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me cantar.

E junto à morena, meu sonho, minh'alma,
Os filhos saltando, contentes a rir!
— "Papai, também quero correr lá no campo"...
— "Papai, a Mimosa queria fugir"...
A vida qu'eu levo,
Ai, vinde-me ouvir.

Depois, descansando, me traz a consorte
O queijo... e a coalhada, que apraz-me cear;
Depois, a seu lado na rede... ditoso,
Ou a onça matreira no campo a esperar.
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me cantar.

Assim esta vida!... Se é tempo de inverno,
Bem cedo nós vamos o leite tirar,
E após o almoço... que faça ela os queijos,
Qu'eu saio a cavalo, qu'eu vou campear.
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me cantar.

Se é tempo de seca, que longas fadigas,
Abrindo as cacimbas pra o gado beber!
As ramas cortando, que a rês me suplica
Num berro mais triste que o triste gemer!
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me dizer.

Porém que ventura no dia da ferra!
Marcando os bezerros que soube ganhar,

Ai, pelos filhinhos reparto os melhores...
E o amo sorri-se... talvez a invejar!
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me cantar.

Se é tempo das feiras... se levo a boiada,
Ai, quanta saudade, que prantos então!
Na volta... que mimos! Ao filho uma gaita,
À esposa uma saia com seu cabeção!
Da vida qu'eu levo,
Ouvi-me a canção.

Assim esta vida no ermo dos campos,
As lidas, os gozos do meu bem querer;
Aqui eu sou livre, não sinto cuidados,
Aqui tenho glórias, amor e prazer!
A vida qu'eu levo,
Deixai-me viver!

O Rapaz da Guia

Pobre rapaz da fazenda,
Nos campos do Ceará,
Foi-me sorte ser guieiro,
Oh, meu Deus, que sorte má!
M'escolheram por esperto,
Em susto contínuo vou...
Segui-me, gado formoso,
Ó boiada é cou... é lou...

Vou cantando aqui na frente
Deste gado, a caminhar,
Onde terei certa a morte
Quando a boiada arrancar;
Pois o gado sequioso,
Se uma fonte adivinhou,
Corre todo — eu fico morto;
Oh! que sina!... êcou... ê lou...

Oh! que sina! No perigo
É meu dever aboiar;
Dão-me sempre um bom ginete,
Em qu'eu me possa salvar.
Ai, qu'apenas me consola
Nesta vida em que estou,
Toadas de minha gaita...
Ó Espaço... ê cou... ê lou...

Eu por isso sou humilde
E por isso canto assim...
Se a minha voz a boiada
Não escutar... ai de mim!
Mas, uma voz entoada
Sempre a boiada escutou,
Até mesmo a mocambeira
Vai direito — ê cou... ê lou...

Quando o guieiro saudoso
Sabe seu canto dizer,
Marcha o gado reunido,
Como que chora a gemer!
Pois ele conhece o canto
Que terno choro molhou!
Ama a rês a voz saudosa...
Eia, avante... ê cou... ê lou...

Mas, a catinga receio,
Que pode gado esconder;
E nas pontas dum novilho,
Tenho medo de morrer!
E contudo eu sou sozinho,
Minha mãe já se finou...
É minha família o gado...
Eia, avante... ê cou... ê lou...

Minha vaca Noite-escura,
Nada, nada de parar!
Meu Surubim, *meu "boi liso"*,
Cor de noite de luar;
Toca, toca para a feira,
A viagem não findou:
Adiante, ó Pintadinho,
Ó Bargado... ê cou... ê lou...

Cajueiro Pequenino

Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor,
À sombra das tuas folhas
Venho cantar meu amor,
Acompanhado somente
Da brisa pelo rumor,
Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor.

Tu és um sonho querido
De minha vida infantil,
Desde esse dia... me lembro...
Era uma aurora d'abril,
Por entre verdes ervinhas
Nasceste todo gentil,
Cajueiro pequenino,
Meu lindo sonho infantil.

Que prazer quando encontrei-te
Nascendo junto ao meu lar!
— Este é meu, este defendo,
Ninguém m'o venha arrancar! —
Bradei e logo cuidoso,
Contente fui te alimpar,
Cajueiro pequenino,
Meu companheiro do lar.

Cresceste... se eu te faltasse,
Que de ti seria, irmão?
Afogado nestes matos,
Morto à sede no verão...
Tu que foste sempre enfermo
Aqui neste ingrato chão!
Cajueiro pequenino,
Que de ti seria, irmão?

Cresceste... crescemos ambos,
Nossa amizade também;
Eras tu o meu enlevo,
O meu afeto o teu bem;
Se tu sofrias... eu, triste,
Chorava como... ninguém!
Cajueiro pequenino,
Por mim sofrias também!

Quando em casa me batiam,
Contava-te o meu penar;
Tu calado me escutavas,
Pois não podias falar;
Mas no teu semblante, amigo,
Mostravas grande pesar,
Cajueiro pequenino,
Nas horas do meu penar!

Após as dores... me vias
Brincando ledo e feliz
O tempo-será e outros
Brinquedos que eu tanto quis!
Depois cismado a teu lado
Em muitos versos que fiz...
Cajueiro pequenino,
Me vias brincar feliz!